

## GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Adriana dos Santos Prado Sadoyama (UEG/ SLMB)

### RESUMO

Este texto tem como escopo fomentar a curiosidade do professor no que tange o “verdadeiro” ensino de língua portuguesa sob as concepções de texto, gêneros textuais, e, aos alunos o desenvolvimento da competência lingüística, para que saibam utilizá-los nos diversos contextos de ensino e aprendizagem.

**PALAVRAS CHAVES:** Gêneros textuais, ensino e formação de professor.

### INTRODUÇÃO

Segundo Bakhtin (2000) qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual. No entanto, cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo por isso denominado gêneros do discurso. Já Marcuschi (2003) afirma que os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa.

A produção de discursos não acontece no vazio. Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Sob esta perspectiva, os PCNs (1998) apresentam os vários gêneros existentes que, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a “famílias” de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. Sendo assim, denominam-se gêneros textuais, formas verbais de ação social relativamente estáveis, realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos.

Martin (1985, p.250), nos apresenta o conceito de que gêneros são a forma pela qual se faz coisas quando a linguagem é usada para realizá-las. Com influência de Bakhtin(1987) e de expressivos antropólogos, sociólogos e etnógrafos, o autor tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados com as instituições que os produzem. A atenção não se volta prioritariamente para o ensino, mas para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como, sua relação com o poder.

Para Bronckart (1994, p.12), os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões para cuja execução ele necessita ter competência; a primeira das decisões é a escolha que deve ser feita a partir do rol de gêneros existentes, ou seja, ele escolherá aquele que lhe parece adequado ao contexto e à intenção comunicativa; e a segunda é a aplicação que poderá acrescentar algo à forma destacada ou recriá-la.

Considerando-se os gêneros textuais formas verbais orais e escritas que resultam de enunciados produzidos em sociedade e, no âmbito do ensino e aprendizagem de português, são vias de acesso ao letramento, propõe-se que no ensino, as atenções estejam voltadas para os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Assim, a concepção de gênero diz respeito à forma, ao conteúdo, aos propósitos comunicativos e ao percurso social. O gênero textual reflete todo o processo social envolvido na comunicação que encerra.

Em relação às práticas didático-pedagógicas de Língua Portuguesa precisa considerar a heterogeneidade de textos existentes em nossa sociedade e levar em conta a necessidade de tornar nossos alunos proficientes leitores e produtores de textos. O desafio dos docentes está em criar situações em sala de aula que permitem aos alunos a apropriação desta diversidade. Essa apropriação não pode estar limitada ao que os livros didáticos trazem, nem ao que oferecem como atividades é preciso que sejam promovidas atividades em que os alunos leiam textos nos respectivos suportes em que foram publicados. Além de sua carga sócio cultural, historicamente construída, os gêneros textuais servem como ferramenta essencial na socialização do aluno.

São fortes os indícios de que o que se tem ensinado não é o gênero em si, mas o formato engessado restrito a uma estrutura fixa de como é o gênero. Ao invés de se trabalhar com a diversidade de possibilidades de um único gênero, por exemplo, como é um editorial em suas várias possibilidades sociointerativas, tem-se focalizado o que é superficial e, quando muito, tem-se explorado algumas seqüências mais comuns desse gênero. O aluno deveria ser capaz de depreender que os gêneros textuais estão relacionados a certas funções sociais, intimamente ligadas.

Alertamos para o perigo de se categorizar os gêneros, partindo-se de uma mentalidade normativa, reguladora, em que os textos são simplesmente rotulados e, daí para frente ensina-se formas engessadas como se houvesse uma configuração rígida para cada gênero textual. Por isso é importante mostrar que os falantes não estão impossibilitados de modificar e criar gêneros, como se a estrutura composicional e o estilo fossem características estanques de cada gênero. E esse seria o primeiro passo para tentar explicar a relação que existe entre linguagem e as estruturas sociais.

O gênero visto como instrumento de interação social dá forma à estrutura, transforma comportamentos em uma dada situação, representa a atividade e a materializa, e é lugar de transformação, de exploração, de enriquecimento de possibilidades. É necessário evidenciar que, nos textos e através deles, os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam práticas sociais.

Como os gêneros se acham sempre ancorados em alguma situação concreta, é necessária a compreensão do contexto situacional para a plena compreensão textual. Na escrita, é importante levar em consideração a escolha plausível do gênero mais adequado a um determinado contexto. Esta afirmação se baseia que, se o texto é um evento singular, situado em algum contexto de produção, seja ele oral ou escrito, é conveniente que no ensino seja apresentada uma situação clara de produção para que sejam compreendidas as atividades a serem desenvolvidas.

Os profissionais da linguagem precisam levar os alunos a compreender e procurar explicar como se manifestam os diferentes gêneros textuais. A identidade, os relacionamentos e o conhecimento dos seres humanos são determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e consomem. O estudo dos gêneros possibilita a exploração de algumas regularidades nas esferas sociais em que eles são utilizados. Por isso, qualquer profissional da área de ensino de língua deveria levar em

conta esse aspecto no trabalho com o aprendiz. Embora existam estudos voltados para a análise de gêneros, muitos ainda, estão voltados para a estrutura do texto, nem sempre focalizam uma reflexão sobre como os diversos gêneros circulam na sociedade e nem sempre se voltam para aspectos da interação da escrita, tão importante para a vida e para a futura comunicação profissional.

Aspecto importante sobre a questão dos gêneros como objeto de ensino diz respeito à preparação do professor para trabalhar com a diversidade textual. Machado (1998) alerta para a falta de construção de conhecimento científico sobre inúmeros gêneros que se pretendem ensinar na escola o que pode fazer com que seu ensino fique submetido ao senso comum e à ideologia. Gregolin(1993) já reconhecia isso e dizia que esse risco vai mais além, comentando que a maioria das dificuldades que os alunos têm em produzir e interpretar textos poderia ser resolvida se o professor soubesse como trabalhar com o texto.

Abordagens calcadas em estudos de gêneros textuais potencializam investigações para que a pesquisa e a prática pedagógica possam ir além das regularidades típicas dos gêneros, permitindo explorar também regularidades nas esferas sociais onde os gêneros são utilizados. A imensa diversidade de gêneros forma a língua e, sabemos que, gêneros não são entidades fixas, que permanecem estáticos, independentemente do tempo e das mudanças ocorridas na sociedade. Sabemos que, ao contrário de serem estáticos, há gêneros que desaparecem e outros que nascem dependendo das necessidades dos falantes que os utilizam.

Os alunos devem se preparar para compreender a dinâmica dos gêneros que circulam na sociedade e estarem aptos a interagir com a escrita a que estão familiarizados e com a que não lhes é familiar, dada a dinamicidade do discurso. No ensino, devem ser desenvolvidos recursos para uma melhor compreensão dos aspectos cognitivos e esquemáticos que contribuem para que um determinado discurso aconteça. Os professores devem promover oportunidades para um aprendizado igualitário com vistas a vários letramentos, que levam os aprendizes a compreensão de como funcionam os textos nas sociedades. Defende-se aqui que letramento não apenas envolve compreensão do material que circula socialmente na comunidade brasileira como também implica o entendimento das maneiras de apropriação do sistema de escrita.

O aspecto lingüístico não opera sozinho e não encerra em si todo o potencial de textualização. Esse é o fato mais importante nesta perspectiva teórica, pois o texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em gênero textual e circula em domínios discursivos, isto é, em grandes esferas ou instâncias de produção textual ou de atividade humana. Assim, além de ser necessário entender melhor as concepções com que os professores devem trabalhar, é preciso oferecer propostas metodológicas para um ensino mais eficaz da leitura e da produção de texto. Só assim estaremos contribuindo para um ensino mais eficaz.

Resgatando a noção de que os textos apresentam características próprias que são socialmente organizadas tanto na fala como na escrita é que a atenção deve voltar-se para a língua em uso, frisando-se a relevância de que o texto se manifesta por meio de gêneros. O ensino dos gêneros nas escolas é de suma importância na formação do leitor e *scriptor* ideal, não se esquecendo é claro, da formação do docente em priorizar os gêneros como manifestações históricas e sociais do cotidiano textual de seus alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A escrita, produzida na escola, não pode se desconectar dos modos de circulação social do texto. O texto circula na sociedade com diversas finalidades e para uma extensa variedade de leitores. É preciso levar os modos de produção de texto para o espaço da sala de aula de forma a capacitar os alunos para sua formação de leitor e produtor textual. A prática textual, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Se para o professor vem a decepção de ver textos mal redigidos, por outro existe a sensação de incapacidade que o aluno carrega como marca de sua incompetência textual. Se de fato os gêneros textuais formam o leitor de modo a capacitá-lo no reconhecimento de práticas discursivas, cabe ao professor ser um facilitador, um orientador no percurso discursivo textual.

## REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1987, p.261-305

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. 1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais**

BRONCKART. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo.** São Paulo: Educ, 1999.

GREGOLIN, M.R.V. **Linguística textual e ensino da língua: construindo a textualidade na escola.** Campinas: Unicamp, 2001.

MACHADO, A.R. **Gênero de textos, heterogeneidade textual e questões didáticas.** Abralín, 1998, nº 23.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In; Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36

MARTIN, J.R. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: M.B.FORTKAMP & L.M.TOMITCH. **Aspectos da lingüística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Bohn.** Florianópolis: Insular, 2000, p. 149-166.